

**Uma proposta de ensino de colocação pronominal a partir de uma reflexão teórica sobre colonialidade**

**A proposal for teaching pronominal collocation based on a theoretical reflection on coloniality**

Gabriel Zardo de Oliveira<sup>1</sup>

*Universidade Federal de Pelotas, Brasil*

**RESUMO**

Na língua portuguesa, podemos recorrer a formas diferentes no que tange à posição normativa dos pronomes oblíquos átonos. Alguns estudos recentes, como Bagno (2009), mostram que a mesóclise e a ênclise estão caindo em desuso, implicando uma ascensão do uso da próclise, passando a concorrer com as formas padrões. Baseado nos estudos teóricos do campo da colonialidade, este trabalho tem como objetivo problematizar os conceitos teóricos desse campo colonial, propondo uma prática pedagógica que valorize o repertório sociolinguístico do aluno através da reflexão sobre a colocação pronominal. Para isso, serão apresentados os conceitos de colonialidade, a fim de refletir o impacto que esses conceitos ainda têm nos dias de hoje, mostrando uma prática pedagógica que rompa com esses padrões coloniais. Acreditamos, como resultado deste estudo, na necessidade de um processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa mais significativo, pautado nas práticas sociais de uso da língua e visando à criação de um ambiente plural em sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Colonialidade da linguagem. Colocação pronominal. Proposta didática.

**ABSTRACT**

In the Portuguese language, we can use different forms regarding the normative position of unstressed oblique pronouns. Some recent studies, such as Bagno (2009), have shown that mesoclis and enclisis are falling into disuse, implying an increased use of proclisis, competing with the standard forms. Based on theoretical studies in the field of coloniality, this paper aims to problematize the theoretical concepts of this colonial field, by proposing a pedagogical practice that values the student's sociolinguistic repertoire through reflection on pronominal placement. To this end, the concepts of coloniality will be presented in order to reflect on the impact that these concepts still have today, demonstrating a pedagogical practice that breaks with these colonial patterns. We believe, as a result of this study, in the need for a more meaningful Portuguese language teaching-learning process, based on the social practices of language use and aimed at creating a plural classroom environment.

**KEYWORDS:**

Coloniality of language. Pronominal collocation. Didactic proposal.

Recebido em: 28/02/2024

Aceito em: 20/10/2024

<sup>1</sup> E-mail: [zardogabriel1902@gmail.com](mailto:zardogabriel1902@gmail.com) | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0868-7914>

---

## Introdução

As discussões sobre práticas coloniais vêm ganhando destaque no campo acadêmico, sobretudo após a criação do Grupo Colonialidade/Modernidade (C/M). Desde o final dos anos 1990, há uma tentativa de levantar e compartilhar problemáticas a partir de uma crítica à modernidade ocidental feita por integrantes intelectuais latino-americanos e americanistas desse grupo. Essa crítica à modernidade e à colonialidade<sup>2</sup> advém da produção de ciências humanas europeias tidas “como modelo único, universal e objetivo na produção de conhecimentos, além de deserdar todas as epistemologias da periferia do ocidente” (Oliveira e Candau, 2010, p.17).

Diante do exposto, no presente estudo, serão mostrados pressupostos teóricos relacionados à colonialidade, em especial à colonialidade da linguagem, buscando compreender o impacto que a colonização trouxe no que concerne ao uso dos pronomes oblíquos átonos. Este artigo tem como objetivo problematizar os conceitos teóricos desse campo colonial, propondo uma prática pedagógica que valorize o repertório sociolinguístico do aluno através da reflexão sobre a colocação pronominal.

Portanto, na sequência deste artigo, apresentaremos os devidos referenciais teóricos, unidos ao conceito de “Colonização Pronominal”, de Marcos Bagno, relacionando-o com aquilo que prescreve a Tradição Gramatical em termos de colocação pronominal. Em seguida, proporemos uma metodologia de ensino sensível às diferenças sociolinguísticas do aluno. A parte final do texto diz respeito às conclusões.

### 1. Conceituando a colonialidade

Para uma definição do conceito de colonialidade, é necessário primeiramente diferenciá-lo do conceito de colonialismo, uma vez que, de acordo com Maldonado-Torres (2007), esses termos possuem significados divergentes:

O colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império. Diferente desta ideia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça.

---

<sup>2</sup> Tomamos como base a relação estabelecida por Mignolo (2005) entre esses dois termos, em que “a colonialidade é constitutiva da modernidade, e não derivada” (MIGNOLO, 2005, p. 75).

---

Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente (Maldonado-Torres, 2007, p. 131, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Dessa forma, ainda que o colonialismo tenha sido extinto do ponto de vista histórico, persiste em nossa sociedade práticas coloniais das mais diversas formas decorrentes dessa relação política e econômica. Essas práticas detêm várias matrizes denominadas de colonialidade do poder, do saber e do ser.

A colonialidade do poder é um conceito desenvolvido originalmente por Aníbal Quijano (2007), integrante do Grupo Colonialidade/Modernidade, que discorre sobre uma estrutura de dominação submetida à América Latina, à África e à Ásia, apesar de administrações coloniais terem chegado ao fim. O termo refere-se à repressão dos modos de produção de conhecimento e das imagens do colonizado, tornando-o invisível e subalterno a partir da imposição de um padrão europeu, visto como superior. A questão da raça exerce um papel fundamental nessa matriz, uma vez que a superioridade residia unicamente no padrão do homem europeu a partir dessa perspectiva e, como afirma Quijano (2007):

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população mundial como pedra angular deste padrão de poder (Quijano, 2007, p. 93, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Portanto, essa imposição racial/étnica sobre as relações de poder possuía um caráter eurocêntrico, inviabilizando toda a cultura e identidade do povo colonizado e tornando o colonizador o centro das atenções.

A colonialidade do saber, derivando do conceito de colonialidade do poder, diz

---

<sup>3</sup> No original: Colonialismo denota una relación política y económica, en la cual la soberanía de un pueblo reside en el poder de otro pueblo o nación, lo que constituye a tal nación en un imperio. Distinto de esta idea, la colonialidad se refiere a un patrón de poder que emergió como resultado del colonialismo moderno, pero que en vez de estar limitado a una relación formal de poder entre dos pueblos o naciones, más bien se refiere a la forma como el trabajo, el conocimiento, la autoridad y las relaciones intersubjetivas se articulan entre sí, a través del mercado capitalista mundial y de la idea de raza.<sup>14</sup> Así, pues, aunque el colonialismo precede a la colonialidad, la colonialidad sobrevive al colonialismo. La misma se mantiene viva en manuales de aprendizaje, en el criterio para el buen trabajo académico, en la cultura, el sentido común, en la auto-imagen de los pueblos, en las aspiraciones de los sujetos, y en tantos otros aspectos de nuestra experiencia moderna. En un sentido, respiramos la colonialidad en la modernidad cotidianamente.

<sup>4</sup> No original: La colonialidad es uno de los elementos constitutivos y específicos del patrón mundial de poder capitalista. Se funda en la imposición de una clasificación racial/étnica de la población del mundo como piedra angular de dicho patrón de poder.

---

---

respeito à censura do conhecimento intelectual e histórico de povos indígenas e africanos, ou seja, conhecimento não-europeu. Dessa forma, o conhecimento pertencente a povos de uma outra raça a partir da perspectiva da colonialidade do poder não tinha nenhum valor, pois, segundo Grosfoguel (2007) a “epistemologia eurocêntrica ocidental dominante não admite nenhuma outra epistemologia como espaço de produção de pensamento crítico nem científico” (Grosfoguel, 2007, p. 35).

E a colonialidade do ser, para Fanon (1967), corresponde a uma dúvida sobre a existência do colonizado:

Em virtude de ser uma negação sistemática da outra pessoa e uma determinação furiosa para negar ao outro todos os atributos de humanidade, o colonialismo obriga as pessoas que ele domina a perguntar-se: em realidade quem eu sou? (Fanon apud Walsh, 2005, p. 22, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Visto isso, entendemos que a colonialidade do ser nega o outro como “alguém”, uma vez que não o reconhece como um indivíduo que mereça consideração, o que resulta em uma crise de ser subalternizado no que tange a sua própria identidade. Essas matrizes de colonialidade, em especial a colonialidade do poder, embora esteja interseccionada com as demais, afetam diretamente a colonialidade da linguagem, assunto esse da próxima seção.

## 2. A colonialidade da linguagem

Partindo da relação colonizador-colonizado, há também na linguagem uma espécie de hierarquia que, conforme Veronelli, (2021):

Se a ideia de raça constrói a percepção dos colonizadores, então os colonizados são seres não humanos ou menos que humanos e, portanto, seres sem capacidade para estabelecer uma comunicação dialógica racional, ou seja, sem linguagem (Veronelli, 2021, p. 87).

Dessa forma, dentro de uma relação de conquista, os colonizadores encontraram mais uma forma de estabelecer poder por meio de uma interdição comunicativa dos povos colonizados. Ao analisar a questão da colonialidade a partir de elementos linguísticos, é preciso compreender o legado trazido pelo colonialismo na sociedade atual (Veronelli, 2019). Essa compreensão pode ser feita por meio da discussão do conceito de colonialidade da linguagem.

---

<sup>5</sup> No original: “Por el hecho de ser una negación sistemática de la otra persona y una determinación furiosa para negar la otra persona todas los atributos de humanidad, el colonialismo obliga la gente que él domina a preguntarse: ¿en realidad, quién soy?”

---

---

A ideia de colonialidade da linguagem, proposta por Veronelli (2021), estabelece uma ligação direta com o conceito de colonialidade do poder a partir da relação entre raça/linguagem, que ganha forma através de políticas linguísticas. Os colonizadores instauram o seu processo de dominação por meio de uma relação linguística de poder, uma vez que desconsideram a capacidade linguística dos povos colonizados e impõem suas línguas.

Veronelli (2021) ainda reflete sobre a questão do “linguajar”, diferenciando-o da linguagem e rompendo o paradigma de que a realidade comunicativa da colonialidade é tida como a única superior:

A noção de linguajar abre uma opção para pensar a linguagem não como um produto acabado, mas como uma atividade progressiva e localizada. Interessa-me a passagem do substantivo (“linguagem”) ao verbo (“linguajar”) para contrapor a lógica de sentido da modernidade/colonialidade. O substantivo linguagem é uma coisa dada, que precede à interação e pressupõe uma comunidade - algo que é comum -. No caso das línguas coloniais, como o espanhol e o inglês, essa comunidade abrange uma gente cuja linguagem é. A linguagem como coisa institucionalizada, ordenada com uma gramática, como língua de um império ou nação, fecha-se a qualquer interação que tente complicar a variedade e heterogeneidade de usuários e situações de interação. O verbo linguajar, pelo contrário, tem a mudança e a continuidade como características fundamentais (Veronelli, 2021, p. 92-93).

Portanto, esse termo surge para mostrar o movimento contrário quando comparado com aquilo que vinha sendo imposto aos colonizados. Dito isso, entende-se que esse processo de colonização de povos subalternizados concernente à linguagem teve início na conquista da América e se perdura até hoje.

### **3. Um pouco do contexto histórico da língua portuguesa**

Haja vista o conceito de colonialidade da linguagem, faz-se necessário apresentar brevemente o contexto histórico da língua portuguesa. Nessa língua, houve uma tentativa de descrevê-la, o mesmo ocorreu com outras línguas europeias, a partir de definições e conceitos aplicados ao grego e ao latim, na Antiguidade clássica. No decorrer dos séculos XIV e XV, período correspondente ao Renascimento, começaram a ser escritas as primeiras gramáticas de línguas consideradas “vulgares”, que tomaram como base as mesmas categorias gramaticais das línguas vivas da época.

Assim, gramáticos renascentistas tinham como objetivo enquadrar as línguas vulgares em modelos gramaticais definidos, desconsiderando características próprias dessas línguas

---

---

na construção dessas gramáticas, tendo em vista a afirmação de Bagno (2001, p. 19) de que as gramáticas renascentistas “insistem em encontrar, nas línguas nacionais, as mesmas classes de palavras, os mesmos tempos verbais, as mesmas funções sintáticas que existem no latim clássico”. Corroborando com essa afirmação de Bagno, podemos relacionar essa atitude ao comportamento dos colonizadores ao chegarem na América e o impacto que essas práticas coloniais tiveram na construção da gramática normativa da língua portuguesa que, de acordo com Bagno (2001):

Nossas gramáticas normativas tentam analisar o português do Brasil com o mesmo aparato teórico-descritivo usado para analisar o português de Portugal, sem se dar conta de que a língua falada aqui já apresenta muitas e profundas diferenças em relação à língua de lá, o que exige a elaboração de outra gramática, a gramática do português brasileiro (Bagno, 2001, p. 19).

Dessa forma, a língua portuguesa vem sendo usada no Brasil desde a colonização, trazida pelos primeiros portugueses que aqui se instalaram e que deram início a uma imposição linguística sobre aqueles que já povoavam este país. Desde então, a mistura de povos e de línguas que ocorreu aqui gerou influências na língua falada, ou seja, na “verdadeira língua natural e em constante ebulição, em constante transformação” (Bagno, 2001, p. 24).

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), essas variedades não podem ser consideradas estruturalmente inferiores à norma padrão, uma vez que não existe erro na língua e, sim, diferentes formas de uso quando comparadas aos preceitos da gramática normativa da língua. Assim, muitas variações da língua portuguesa, dentre elas a questão da colocação pronominal padrão, são encontradas na fala dos brasileiros e não podem ser caracterizadas como erro, já que são resultados de inúmeras influências linguísticas e extralinguísticas e que continuam a se alterar com o passar do tempo, adaptando-se de acordo com os locais em que a língua é usada e com a necessidade de cada falante em se comunicar com o seu interlocutor.

Diante do exposto e a partir do objetivo desse trabalho, analisaremos a seguir o que Bagno chama de “colonização pronominal” e, logo após, traremos essas mesmas categorias linguísticas do ponto de vista de gramáticas normativas.

#### **4. A colonização pronominal**

---

A colocação dos pronomes oblíquos por gramáticas normativas é o aspecto linguístico

---

que ilustra de uma maneira bem clara o que estamos discutindo. Mas por que as gramáticas ainda insistem em impor regras de uso pronominal totalmente diferentes da realidade linguística de brasileiros? A resposta para essa pergunta pode estar diretamente relacionada aos efeitos causados pelo nosso passado colonial e à falta de uma ruptura nesse sentido. As descrições dos usos pronominais encontradas em inúmeras gramáticas, em especial a do português europeu, “correspondem aos usos reais da ampla maioria das populações que falam essas línguas” (Bagno, 2017).

Cabe ressaltar, então, que regras prescritas pelas gramáticas não funcionam para a língua dos brasileiros, uma vez que elas não correspondem aos usos reais que se faz diante dos empregos pronominais, sobretudo em casos de ênclise - emprego do pronome posterior ao verbo – que vira próclise – emprego do pronome anterior ao verbo - na realidade linguística brasileira. Portanto, com base em Bagno (2017), pode-se afirmar que

a colonização pronominal é um reflexo, nos usos da língua, das enfermidades crônicas da sociedade brasileira. Uma sociedade brasileira que, neste exato momento, é comandada por uma penca de senhores brancos que representam o que existe de mais torpe, abjeto, criminoso, corrupto, reacionário, genocida e retrógrado na vida nacional. E, chefiando a máfia, um energúmeno e pusilânime fantoche que, para deleite da classe média burra, se esmera no uso da mesóclise, uma colocação pronominal que cheira a formol, como também cheira o morto-vivo que se vale dela (Bagno, 2017).

Essa definição nos remete às estruturas que pairavam durante o período colonial, ao relacionar a imposição de colonizadores de suas matrizes de poder, saber e ser à imposição da gramática normativa em prescrever regras ultrapassadas, mostrando, nesse último caso, a falta de subserviência dos falantes do português brasileiro ao português lusitano; diferente, portanto, do que ocorreu no passado.

## **5. O contraste do emprego dos pronomes: da prescrição gramatical à realidade linguística brasileira**

As gramáticas normativas do português preveem regras específicas de colocação pronominal, as quais deveriam ser seguidas por qualquer usuário que tenha frequentado o ambiente escolar. De acordo com Bechara (2005), o pronome átono assume três posições em relação ao vocábulo tônico, são elas: ênclise, próclise e mesóclise.

Ênclise é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga:

Deu-*me* a notícia.

---

---

Próclise é a antecipação ao vocábulo tônico:

Não *me* deu a notícia.

Mesóclise é a interposição ao vocábulo tônico:

Dar-*me*-ás a notícia (Bechara, 2005, p. 587-588).

Cunha e Cintra (2001) adotam a mesma postura com relação à colocação pronominal, no entanto abrem um parêntese no final da discussão para falar dessa colocação no Brasil, apontando as diferenças com relação à colocação da língua de Portugal, como a possibilidade de se iniciar frases com tais pronomes.

Dessa forma, os falantes da língua portuguesa podem recorrer a algumas formas diferentes no que concerne aos usos dos pronomes oblíquos, dentre esses usos estão a ênclise tornando-se próclise (Esqueci-me – Me esqueci) e a mesóclise tornando-se próclise (Enviar-lhe-ei - Lhe enviarei o documento). Segundo Bagno (2009), há uma tendência maciça por parte dos brasileiros em não obedecer à tradição purista no que diz respeito à colocação do pronome dentro de frase. Ele fala da naturalidade que se tornou aos brasileiros iniciar a frase com o pronome oblíquo ao invés dele acompanhar o verbo, dado o primeiro exemplo acima. Uma das explicações dadas por Bagno corresponde à conservação da força fonética existente no português medieval e arcaico, que implicou em dizer “te conheço”, “te vi”, “te digo”. Ele ainda critica a mesóclise, caracterizando-a como “ridícula” e não a considera parte do português brasileiro e propõe uma reformulação nos capítulos gramáticas que tratam desse assunto. E, por fim, salienta a importância do uso espontâneo dos pronomes oblíquos nas orações dos falantes sem apegos à gramática.

A riqueza de possibilidades de uso que a língua nos oferece deve ser ensinada nas escolas. Ninguém está aqui proibindo o uso da ênclise nem da mesóclise: isso pode ter interessantes efeitos estilísticos (métrica na poesia, acentuação musical, humor) e cada um tem todo o direito de falar ou de escrever como melhor lhe parecer. O que não podemos permitir é a condenação das regras que já estão definitivamente implantadas na gramática do português brasileiro e que constituem a língua que é nossa identidade pessoal e nacional (Bagno, 2009, p. 100).

Sendo assim, apresentaremos uma proposta didática que vai ao encontro de apresentar ao aluno essa infinidade de possibilidades da língua, permitindo-o a refletir sobre seus diversos usos.

---

---

## 6. Proposta para o ensino de colocação pronominal

Primeiramente, é preciso se atentar para os usos reais da língua, concebida como maleável, passível de mudança conforme a necessidade comunicativa e os usos que os falantes fazem dela. Através da prática de análise linguística, as aulas de língua portuguesa podem ser um espaço para reflexão sobre os variados usos da língua e não simplesmente a repetição e memorização de regras que pouco (ou nada) fazem sentido para os alunos.

Segundo Suassuna (2012),

a análise linguística se constitui, desde sua concepção, como alternativa à prática tradicional de conteúdos gramaticais isolados, uma vez que se baseia em textos concretos e com ela se procura descrever as diferentes operações de construção textual, tanto num nível mais amplo (discursivo) quanto num nível menor (quando se toma como objeto de estudo, por exemplo, uma questão ortográfica ou mórfica) (Suassuna, 2012, p. 13).

Dessa forma, a prática de análise linguística não tem como objetivo fazer com que o aluno decore terminologias, mas sim que possa compreender os fenômenos da língua. Sendo assim, é necessário que se possibilite que o aluno possa refletir sobre os aspectos linguísticos, de modo a elaborar hipóteses ou inferências sobre as regularidades da língua e, conseqüentemente, ampliar sua capacidade de utilizar a língua de acordo com o contexto e a finalidade comunicativa. Por isso, é essencial que a reflexão sobre a linguagem parta dos usos reais da língua. Conforme Suassuna (2012), é do texto que devem emergir os aspectos a serem trabalhados em aula e a partir as atividades devem ser pensadas, pois a reflexão sobre a língua deve partir de seus usos reais.

A proposta apresentada abaixo busca desenvolver uma atividade que contemple a análise e a reflexão sobre o uso dos pronomes oblíquos átonos. É importante dizer que essa proposta foi pensada para uma turma de 9º ano, do ensino fundamental.

A proposta consiste no desenvolvimento de atividades de análise linguística que levem os alunos a refletirem sobre o uso da próclise e ênclise a partir do estudo de algumas manchetes publicadas no portal de notícias G1. O objetivo é que os próprios alunos façam inferências e levantem hipóteses sobre as motivações para a presença de determinada forma pronominal dentro de cada texto. A seguir, portanto, apresentaremos as atividades que são possíveis de serem desenvolvidas.

Considere as manchetes abaixo:

---

Figura 1: Manchete jornalística do G1

The screenshot shows the G1 website header with 'MENU', 'g1', 'CARUARU E REGIÃO', and 'VAGABONDAGEM' logos, and a search bar labeled 'BUSCAR'. The main headline is 'Me Conte sua História: Amigas realizam sonho e abrem empreendimento após desafios em Caruaru'. Below the headline, a sub-headline reads: 'Trio enfrentou dificuldades financeiras, morte de sócia e seguem com salão de beleza no bairro Santa Rosa.' The byline is 'Por g1 Caruaru' and the date is '11/10/2022 13h36 - Atualizado há um ano'.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de um *print screen* do site do G1

Figura 2: Manchete jornalística do G1

The screenshot shows the G1 website header with 'MENU', 'g1', 'VALE DO PARAÍBA E REGIÃO', and 'VAGABONDAGEM' logos, and a search bar labeled 'BUSCAR'. Below the header is a grey box with the text 'Anúncio fechado por Google'. The main headline is ''Me sinto livre', diz jovem ao iniciar remoção de tatuagem feita no rosto pelo ex-namorado'. Below the headline, a sub-headline reads: 'Após mobilização nas redes sociais, Tayane Caldas ganhou o tratamento para retirar a tatuagem no rosto e das áreas íntimas. Jovem afirma que desenhos foram feitos à força.' The byline is 'Por g1 Vale do Paraíba e Região' and the date is '27/05/2022 07h39 - Atualizado há um ano'.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de um *print screen* do site do G1

Figura 3: Manchete jornalística do G1

The screenshot shows the G1 website header with 'MENU', 'G1', 'SUL DE MINAS', and 'EPTV' logos, and a search bar labeled 'BUSCAR'. The main headline is ''Perdoa-me por me traíres' entra em cartaz no feriado de Pouso Alegre, MG'. Below the headline, a sub-headline reads: 'Montagem é do premiado Grupo de Teatro Experimental da cidade. Clássico de Nelson Rodrigues é revivido de 4 a 7 de setembro.' To the right of the article is a 'Shopping' section with a 'Magazine Luiza' logo and the text 'Acer Aspire VX5-5915-5915'.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de um *print screen* do site do G1

Responda as questões:

1. O que as manchetes I e II têm em comum no que se refere ao emprego do pronome oblíquo átono “me”?
2. E o que há de diferente com relação à manchete III?

- 
3. Entre a I e III manchetes, qual você considera a mais esperada e mais frequente quanto ao uso do pronome “me”?
  4. Ainda que sejam textos oralizados, considere a modalidade escrita da língua utilizada nessas manchetes. O emprego do pronome em destaque em cada um corresponde ao que prevê a gramática da nossa língua? Se sim, em qual delas? Por quê?
  5. Conforme o seu conhecimento como falante de língua portuguesa, e considerando o que a gramática aborda sobre a colocação pronominal, tu acreditas que a próclise em detrimento da ênclise ocorre somente na modalidade oral da língua?
  6. O uso da próclise em relação as outras colocações, como já foi exposto, contrapõe uma ideia defendida pela gramática. Que ideia é essa?
  7. É possível substituir a próclise da primeira e da segunda manchete pela ênclise, sem que haja perda de sentido? Por quê?
  8. Troque a posição do pronome da terceira manchete. Houve alteração de sentido com a troca? Essa troca se aproxima mais com o seu modo de falar mais espontâneo?
  9. Diante das reflexões realizadas por ti a partir da leitura dos textos, elabore um parágrafo explicando a que conclusões chegastes a respeito da colocação pronominal.

Essas atividades podem explorar a criticidade dos alunos, de modo a fazer com que eles construam seu próprio conceito sobre as formas de colocação pronominal em análise. Além disso, através da análise dos usos dessas formas nas manchetes, pretende-se que os alunos possam, dentre outras coisas:

- 1) Analisar a dupla possibilidade de emprego do pronome.
- 2) Estabelecer relação entre o que prevê a gramática tradicional sobre a colocação pronominal tidas como corretas e às formas utilizadas nos textos em análise;
- 3) Analisar a relação de formalidade desses usos;
- 4) Substituir uma forma pela outra, a fim de perceber se haverá ou não alteração no sentido do enunciado.

A partir dessas atividades, o aluno poderá analisar as duas formas encontradas nas manchetes e criar hipóteses sobre as motivações para tais ocorrências, além de ele mesmo poder chegar a um conceito sobre o recurso linguístico analisado. Vale ressaltar que uma

---

---

prática pedagógica nesse sentido visa a superar essas marcas coloniais ainda presentes nos dias de hoje.

Outras atividades podem decorrer, como a divisão da turma em pequenos grupos. Cada grupo poderia pesquisar as formas de colocação pronominal em sites diferenciados, usando o “google busca avançada<sup>6</sup>” como recurso que permite a busca por palavra ou expressão em páginas da web que podem ser escolhidas pelo aluno pesquisador: jornal, revista, blog. Como resultado, o professor pode conduzir a aula, orientando os alunos a construir tabelas no Word e gráficos no Excel para sistematizarem os resultados encontrados. Essa atividade poderia acontecer, inclusive, em parceria com o professor da disciplina de Matemática. O professor de Língua Portuguesa pode, ainda, conduzir a turma para uma reflexão acerca dos resultados associados ao grau de monitoramento dos textos consultados. Como sugestão para contribuir com o processo de letramento, os grupos poderiam trocar os gráficos entre si de modo que cada grupo elaborasse um texto, analisando os resultados exibidos. A sequência de atividades proposta colocaria em evidência, nas aulas de Língua Portuguesa, a gramática reflexiva, a leitura e a produção textual.

### **Considerações finais**

Acreditamos que reconhecer as diferenças existentes entre o português brasileiro e o português europeu permitirá a criação de ambientes mais saudáveis ao nosso país, implicando um ensino de língua portuguesa mais compatível com a realidade linguística daqui e, conseqüentemente, abandonando vestígios ainda presentes do período colonial.

Embora “a mentalidade colonizada dos nossos mais respeitados gramáticos impede que eles se rendam à verdade nua e crua dos usos autênticos do português brasileiro” (BAGNO, 2017), o trabalho do professor de língua portuguesa se faz muito importante diante desse cenário. É necessário oportunizar ao aluno a reflexão sobre a norma-padrão da língua, mas em companhia com a valorização do seu repertório linguístico.

---

<sup>6</sup>[https://www.google.com.br/advanced\\_video\\_search?hl=pt-BR](https://www.google.com.br/advanced_video_search?hl=pt-BR)

---

---

## Referências

- BAGNO, M. A colonização pronominal. Bralisiários.com, 2017. Disponível em: <<https://brasiliarios.com/colunas/66-marcos-bagno/689-a-colonizacao-pronominal/>>. Acesso em: 20 de set. de 2024.
- BAGNO, M. Não é errado falar assim! Em defesa do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, M. Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BECHARA, E. Moderna gramática portuguesa. 37ª Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GROSGOQUEL, R. Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias decoloniais. In: Ciência e cultura. São Paulo: v. 59, n. 2, p. 32-35, 2007.
- MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOQUEL, R. (Orgs.) El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, p. 127-167, 2007.
- MIGNOLO, W. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (Org.) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, p. 71-103, 2005.
- OLIVEIRA, L. F.; CANDAU, V. M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. Educação em Revista, v. 26, n. 1, p. 15–40, 2010.
- QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTROGÓMEZ, S.; GROSGOQUEL, R. (Orgs.) El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, p. 93-126, 2007.
- SUASSUNA, L. Ensino de Análise Linguística: situando a discussão. In: SILVA, A.; PESSOA, A. C.; LIMA, A (Orgs.). Ensino de Gramática: Reflexões sobre a língua portuguesa na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- VERONELLI, G. A. La colonialidad del lenguaje y el monolenguajear como práctica lingüística de racialización. Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.44, p. 01- 163, 2019.
-

---

VERONELLI, G. A.; DAITCH, S. L. Sobre a colonialidade da linguagem. Revista X, v. 16, n. 1, p. 80, 2021.

WALSH, C. Introducion - (Re) pensamiento crítico y (de) colonialidad. In: WALSH, C. Pensamiento crítico y matriz (de)colonial. Reflexiones latinoamericanas. Quito: Ediciones Abya-yala, p. 13-35, 2005.

---